

Prezadas Senhoras e Senhores:

O convite do Presidente da ANPPOM, Professor Dr. Maurício Loureiro, para ser porta-voz de uma homenagem institucional ao Professor Manuel Veiga muito me honra, alegre, e emocionada. Agradeço, senhor Presidente, ter sido distinguida para essa missão.

Nesses treze anos em que nos reunimos periodicamente como Associação de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, tivemos certamente muitos momentos memoráveis: ouvindo grandes competências, escolhendo lideranças, discutindo e argumentando sobre os rumos da pesquisa, tentando otimizar o diálogo com as agências, ou mesmo confraternizando-nos descontraidamente. Não me recordo, entretanto, de já termos homenageado alguém. Louvar ações, confessar gratidão, reconhecer valores, enaltecer méritos, distinguir benfeitorias, são atitudes que humanizam as instituições, denotando sensibilidade e discernimento para distinguir o que deve ser louvado, enaltificado, apontado como exemplo. Parabéns a iniciativa da Presidência da ANPPOM pela ideia de dedicarmos um momento especial desse encontro para, em nome da área de Música no Brasil, homenagear aquele que se destacou especialmente nos processos de inserção institucional da Música nas agências de fomento e da consolidação da produção científica brasileira da área, desempenhando um papel decisivo na criação e no desenvolvimento da ANPPOM.

Caro mestre e amigo Manuel Veiga:

Aqui estamos, seus ex-alunos, eternos alunos, colegas de profissão, de batalhas profissionais, seus amigos e grandes admiradores do competente profissional e especialmente da sua grande figura humana, para, de uma forma singela mas que se pretende muito afetuosa, dizer-lhe do nosso profundo reconhecimento, da nossa eterna gratidão por tudo que “Vosmicê” sempre fez e tem feito pela área de música no Brasil (o uso da forma pronominal é plágio, e peço licença para utilizá-la como uma expressão de afeto, respeito e carinho).

Creio ser absolutamente desnecessário apresentar o Professor Manuel Veiga nessa audiência, e se o faço não é em nome de nenhuma formalidade, pois essa homenagem

não se pretende formal, mas sensível e afetiva. Para alguns componentes da mesa, e para uma novíssima geração de músicos emergentes, que sempre queremos presente em nosso meio, talvez uma breve apresentação profissional não seja supérflua.

Não se deve esquecer que Manuel Veiga, antes de ser o competente musicólogo e educador, é um pianista de mãos cheias. Da sua formação acadêmica, salientam-se o *Diploma Course* e os títulos de *Bachelor of Science* e *Master of Science*, todos em Piano e obtidos da Juilliard School of Music, no início dos anos 60. O título de PhD em etnomusicologia é da UCLA e a dissertação sobre as fases ameríndias da etnomusicologia brasileira, defendida em 1981, foi orientada por Robert Stevenson. A atuação do acadêmico Manuel Veiga naquela instituição fê-lo merecer um “Certificado de Mérito” da *Alumni Association* em 1980, e no ano seguinte, a “Distinção Acadêmica” do mesmo órgão.

Professor da Escola de Música da UFBA desde 1966, Manuel Veiga tanto destacou-se no desempenho da docência quanto em atividades administrativas, tendo sido Diretor daquela unidade de ensino musical no período de 1968 a 1975. Lecionou matérias práticas e teóricas no ensino de graduação, tais quais Piano, Música de Câmera, História das Artes, Fundamentos de Música, Folclore Musical, e Literatura e Estruturação Musical. No ensino de pós-graduação, tem-se dedicado aos Estudos Bibliográficos e Metodológicos e Seminários Gerais em Etnomusicologia, além de orientação de pesquisa. Em 1996, em reconhecimento ao muito que fez pela instituição, a Universidade Federal da Bahia lhe outorgou o título de Professor Emérito.

Ao lado das suas atividades na UFBA, há que se destacar a brilhante atuação do Professor Veiga nas agências de fomento, CAPES e CNPq, como interlocutor dedicado e competente da área. No período de 1984 a 1988, ele integrou o Comitê Assessor de Letras e Artes no CNPq, tendo sido o primeiro representante da Música na agência. Datam dessa época a realização do Simpósio Nacional sobre a Pesquisa e Pós-Graduação em Música, evento do qual se originou a criação da ANPPOM, em 1988. Na intermediação desses projetos com a agência, bem como na orientação ideológica dessas ações, a atuação do Professor Veiga foi fundamental. Alguns anos depois, entre 1993 e 1995, Manuel Veiga foi Presidente da Área de Artes e Música da CAPES, quando novamente sua atuação deu grande impulso à formação de recursos humanos da área.

Também há de se destacar a atuação de Manuel Veiga como Conselheiro do Conselho de Cultura do Estado da Bahia, em vários períodos, tendo sido Vice-Presidente do Conselho e Presidente da Câmara de Artes e Patrimônio Histórico. Há de se louvar sua postura crítica tenaz ao conceito oficial de cultura, à valorização desmedida dos aspectos econômicos e mercadológicos da cultura, seu interesse incansável pelos mecanismos de proteção à memória, às tradições culturais e à própria audição, e pela formulação de um planejamento cultural significativo para o país, atrelado aos processos educativos. A Medalha do Mérito Castro Alves, da Secretaria da Educação e Cultura do Estado da Bahia, foi-lhe concedida por merecimento, em 1986.

O reconhecimento da significação da produção de Manuel Veiga para a cultura musical brasileira fê-lo membro da Academia Brasileira de Música, onde ocupa a Cadeira nº 31 desde 1994.

Decerto não é essa enumeração de feitos acadêmicos, títulos e prêmios que melhor justifica o fato de estarmos aqui, como Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, sem dúvida o corpo acadêmico mais significativo da música no país, a render homenagem ao Professor Veiga. Como comunidade científica, nosso olhar está sempre voltado para o mundo das idéias. E sem dúvida é nesse reduto, o da ideologia, que vamos encontrar as mais fortes razões para aplaudirmos as ações de Manuel Veiga. Passo então a ler uma série de fragmentos de alguns de suas importantes comunicações, feitas na ANPPOM e em outras jornadas científicas da área. É uma seleção expressiva do pensamento do Professor Veiga sobre música, cultura e educação, que não pode ser esquecido, e deve ser seguido. Essa seleção ilustra as múltiplas facetas profissionais do nosso homenageado.

Por exemplo, a do intelectual denunciador, sem “papas na língua”, capaz de fulminar organismos governamentais:

Admitindo que nesse país haja um “conselho de cultura”, até mesmo considerado essencial, tratar-se-á de um órgão meramente ornamentador, legitimador...à distância, totalmente esvaziado de sua função constitucional de formulação da política cultural. (VEIGA:1998)

E mais adiante:

Note-se que enquanto a educação é considerada como dever do estado, obrigatória e gratuita, pela constituição mutante desse país, inclusive com um plano nacional de educação plurianual, a postura em relação à segregada cultura, seu alter-ego, tem sido sempre a de um liberal “laissez-faire”. Tradicionalmente, a constituição dizia algo como “as artes, as letras e as ciências serão livres no país”, mesmo quando a repressão campeava. A atual versão diz que “é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença”. Tudo isso é ótimo. O problema ocorre que a almejada liberdade não deve significar ausência de um planejamento cultural. (ibidem)

Na citação seguinte, brilha a centelha do educador, esclarecido do fato de que os problemas sociais do país se atrelam fundamentalmente aos da política educacional:

O Brasil é um país que quer dar certo. Todos queremos isto. Queremos que os desníveis sociais sejam reduzidos, que a riqueza seja melhor distribuída, que um número maior de brasileiros tenham acesso aos benefícios da educação, da saúde e da cultura. Vivemos em tempo de globalização da economia, de privatizações de empresas públicas produtivas, sem sentirmos garantias de reciprocidade de tratamento. Enfim, já são décadas em que os progressos sociais observáveis são mínimos. Pelo contrário, verificamos a destruição da massa crítica que se tentou construir nas universidades. Disciplinas que levaram décadas a serem implantadas têm sido em alguns lugares erradicadas pelas decisões de economistas e de políticos cultores da cegueira e da surdez. (VEIGA, 1997)

Como educador realista e preocupado com a contemporaneidade, o Professor Veiga propõe-nos estratégias e nutre sonhos para o ensino da música neste novo século:

Não se deve pretender encarar os desafios do século vindouro com o pensamento da metade deste século que se apaga [...]. Quanto ao ensino superior de música, o caminho das integrações deve ser o favorecido: com a língua vernácula e as estrangeiras instrumentais; dentro do próprio ensino de música; entre as culturas musicais do mundo; entre as artes, sem reduções; com as ciências sociais e humanas; com as exatas e biológicas que forem necessárias; com as aplicações sociais que lhes sejam próprias. Quem sabe estejamos ainda em tempo de forjar uma música brasileira que acabe com a perversa dicotomia entre o erudito e o popular, uma música que seja ao mesmo tempo os dois, ou nenhum dos dois. (VEIGA, 1997)

O próximo trecho testemunha a importância da atuação do Professor Veiga no CNPq, esclarecedora, iluminadora, sempre apoiada em reflexão profunda, histórica, social e culturalmente embasada:

Idéias rígidas sobre o que constituem ciências e artes, como gaiolas opostas, contribuem também para distorções consideráveis, como o fazem oposições gratuitas entre conhecimento e sentimento. Às ciências corresponderia a produção de conhecimentos; às artes de emoções. Essa tolice é reproduzida por filósofos, mesmo por alguns que julgam as artes muito importantes, mas que não as conhecem ou praticam. Sem dúvida entre uma dúzia de funções distintas e que não se revelam sem uma análise, a de provocar emoções está em maior ou menor grau presente nas culturas musicais, além de centenas de usos facilmente observáveis. Isso não significa que música não produza conhecimento e que não necessite de conhecimento para sua própria existência. Há aspectos dos estudos musicais que são certamente científicos, como há também aspectos artísticos nas tarefas das ciências. [...] Uma suposta dicotomia artista-cientista social pode estar na base do desprestígio dos artistas e humanistas na cultura oficial brasileira. (VEIGA, 1998)

Justificativas para a pertinência das disciplinas práticas da Música no CNPq podem se encontrar no trecho seguinte, que nos prova a habilidade intelectual do consultor no esclarecimento da pesquisa nas subáreas de composição e práticas interpretativas:

Esta análise [...] não pretende tornar artistas em cientistas sociais, mas enfatizar pontos comuns e diferenças que podem nos ajudar a nos situarmos perante nós mesmos, e diante das discriminações por que passamos, esclarecer equívocos da cultura oficial em seu julgamento do supostamente útil e do inútil. Evidentemente, compositores, executantes, educadores não têm de ser pesquisadores, como é o caso dos musicólogos. Podem ser, se o quiserem e se sentirem dispostos a cumprir com os procedimentos rigorosos da pesquisa em qualquer campo. Um estado de êxtase ou de mera contemplação pode gerar eventualmente música, até música boa. Nos candomblés-de-caboclo da Bahia, por exemplo, atribui-se ao encantado a composição das cantigas, isto é, ao sobrenatural, representado por um indivíduo em estado de transe. Essa composição me parece distinta da Arte da Fuga ou da Oferenda Musical de Bach, que são claramente tratamentos sistemáticos e exaustivos de determinados problemas. [...]

Ao executante, por sua vez, não há por que excluí-lo da pesquisa desde quando há inúmeros problemas que necessitam de uma abordagem sistemática. Se é a execução de um programa o que vai associar-se a um projeto de pesquisa, é provável que esse não possa ser um programa eclético qualquer, mas um programa-problema em que um ou mais aspectos do

repertório, dos processos, das formas, das técnicas sejam explorados em profundidade. (Ibidem)

O esclarecimento sobre a interdependência entre o fazer musical e a reflexão se encontra ainda no trecho seguinte:

A questão dos dois discursos é tema que ainda surpreende muita gente que não reflete sobre as artes. Há o discurso musical, direto, sem intermediações, [...] e o discurso sobre música, isto é, a fala ou escrita sobre música, que é matéria das musicologias, das ciências sóciomusicais e da teoria musical em sentido abrangente. Há sobretudo que se considerar o relacionamento entre os dois discursos, na área em que se tangenciam. Há uma natureza dual nas atividades que praticamos que embora possam ser separadas para maior clareza não significam exclusões. Não pode haver musicologia sem música, como não parece muito promissor um fazer musical sem reflexão. (Ibidem)

Já no trecho seguinte, vemos o Professor Manuel Veiga com olhos voltados para a CAPES, tentando esclarecer a produção profissional do músico.

O EXECAPES, relatório que a pós-graduação tem de preencher anualmente sempre nos deixa com algumas dificuldades de inserção. A CAPES [...] vê na contagem de citações de um determinado pesquisador a indicação mais segura de seu impacto, isso necessariamente por via de publicações. [...]

A questão do que constitui publicação é freqüentemente problemática. Para fins de estilo de documentação, contudo, podemos dizer que publicação envolve a intenção de distribuição geral. [...] Um trabalho com idéia de disponibilidade geral mas sem intenção de distribuição geral pode ser considerado não publicado.

No caso da Música, parece-nos que o conceito de publicação deva ser estendido. Não há melhor publicação para a música do que o recital, concerto ou evento ao vivo. Se a idéia de preservação e documentação predominar, os diversos tipos de gravação de som ou de som e imagem vêm em seguida, com o som manipulado pela masterização, mas de maior alcance. [...] No caso dos compositores, a viabilidade de publicação de partituras tem sido mínima, pela reduzida clientela de potenciais leitores; ou isso é feito pelo Governo, a fundo perdido, ou é improvável que se faça por editoras comerciais. Seria recomendável que se considerasse como publicação o depósito da partitura num centro de documentação onde estivesse disponível para quem solicitasse cópia. Temos, pois, um campo aberto para discussão de critérios de avaliação da produção musical, não necessariamente pesquisa que é apenas um dos seus aspectos. (Ibidem)

Finalmente, a tônica dos discursos do Professor Veiga: sempre será oportuno relembra-la, especialmente quando os administradores da cultura oficial brasileira nos ouvem:

Se tenho um tema, é o dos valores culturais. Se puder propor alguma coisa, é que este encontro germine num futuro fórum interdisciplinar de planejamento cultural. (VEIGA, 1999)

Pois eu, Professor Veiga, se puder propor alguma coisa nesse encontro, é que nós todos, e a ANPPOM especialmente, encampemos o seu tema; e que sua idéia deste fórum de planejamento cultural contamine nossos ideais. Pois como diz sua lição, se “mais difícil do que realizar utopias é a mudança das mentalidades, ainda assim, temos de tentar”. (VEIGA, 1997)

Finalmente, cabe a nós, educadores, executantes, compositores e musicólogos, agradecer sinceramente ao Professor Veiga pelo exemplo, pelo incentivo, e especialmente admirar e louvar a força motriz de todas as suas ações profissionais: seu incondicional amor pela Música, pela Educação, pelo Brasil, pela Bahia, e por todos nós que formamos sua grande família, e que deitamos no berço esplêndido do seu grande coração.

(Ilza Nogueira, abril de 2001)

FONTES DAS CITAÇÕES:

VEIGA, Manuel. 1999. *500 Anos: Loas, Lamentos, Bem-Aventuranças e Maldições*.

(original datilografado, 15 p.)

_____. 1998. *Ideologia da Cultura e Planejamento Cultural: Reflexões sobre Música*.

(Revisão de 25.04.98).

_____. 1997. *Ensino Superior de Música e Ideologia da Cultura* (original datilografado,

7 p.)